

A LEITURA DOS CLÁSSICOS, UMA POSSIBILIDADE BIBLIOTERAPÊUTICA: POR UM VIVER MELHOR

Karla Haydê Oliveira da Fonseca

Resumo: Discute a leitura dos clássicos como uma possibilidade terapêutica no âmbito da biblioterapia. Apresenta-se uma breve trajetória da biblioterapia como um recurso alternativo em benefício dos homens, mulheres e crianças na arte do bem viver. O estudo admite a potencialidade desse recurso da leitura para o desenvolvimento pessoal e bem-estar daqueles que usufruem de atividades biblioterapêuticas.

Palavras-chave: Biblioterapia. Literatura clássica. Desenvolvimento humano. Qualidade de vida.

1 INTRODUÇÃO

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, quando as grandes potências retomaram a busca pelo progresso e pela superação técnica, houve uma corrida desenfreada pela emancipação humana, social e tecnológica. O domínio do conhecimento caracterizou-se por uma profunda modificação na própria natureza das ciências sob a influência da evolução tecnológica. “Sinais nessa direção é a época em que vivemos, onde a rapidez das informações, das imagens televisivas e da internet nos leva à desordenação dos sentidos” (FONSECA, 2012, p. 53)

Com efeito, tudo isso gera conseqüências drásticas na sociedade, tais como: desequilíbrio emocional, estresse, neuroses, fobias, ansiedades, depressão, etc. Diante desse panorama, as profissões ligadas à psique humana – psicopedagogos, psicólogos, psicanalistas, psiquiatras, biblioterapêutas - ganham projeção.

Neste sentido, a biblioterapia usa a leitura com objetivos terapêuticos. Todavia, seu uso não é novo. Desde a Idade Média os antigos já percebiam a importância da literatura como um instrumento social transformador. A função terapêutica da leitura admite a possibilidade de a literatura proporcionar pacificação e serenidade às emoções (CALDIN, 2001).

Dessa forma, a literatura é um “baú inesgotável de assuntos para as pessoas compreenderem melhor a si e ao mundo”(FONSECA, 2012, p.49). A biblioterapia é muito mais que um tratamento para determinados males, pois pode ser aplicada tanto num processo de desenvolvimento pessoal, educacional, como num processo clínico-terapêutico. Neste artigo forneceremos um referencial teórico da biblioterapia por profissionais que investem seus estudos nessa área, além de apresentá-la como uma atividade humana e social do profissional bibliotecário. Abordaremos, também, a biblioterapia num processo de desenvolvimento pessoal, através dos clássicos universais, numa breve trajetória.

2 ALGUNS CONCEITOS E UMA BREVE TRAJETÓRIA DA BIBLIOTERAPIA

A etimologia da palavra *Biblioterapia* é derivada do grego “*Biblion*”, que refere uma coleção de livros, e “*Therapein*”, que expressa tratamento e cura. Em 1941, o dicionário *Dorland's Illustrated Medical Dictionary* definiu o termo pela primeira vez definindo-o como “o emprego de livros e a leitura deles no tratamento de doença nervosa.” Em 1961, o dicionário *Webster's Third International Dictionary* o definiu como o “uso de material de leitura selecionado, como adjuvante terapêutico em medicina e psicologia” e, também, “guia na solução de problemas pessoais através da leitura dirigida” (SEITZ, 2006, p.158).

A literatura com finalidade terapêutica não é uma prática nova, pois desde a Antiguidade já se fazia uso desta atividade. Os gregos a utilizavam como forma de tratamento médico e espiritual, ao conceberem suas bibliotecas como “a medicina da alma” (ALVES, 1982).

O termo *biblioterapia* surgiu na América do Norte em meados do século XIX, em trabalho relacionando a biblioteca e a ação terapêutica, embora haja controvérsias a respeito de sua origem. No século XX, as primeiras experiências começaram a ser realizadas por médicos americanos, nos anos compreendidos entre 1802 a 1853, em ambientes hospitalares e clínicas de saúde mental.

Por ser uma atividade interdisciplinar, foi somente em 1904 que a *biblioterapia* passa a ser considerada um ramo da biblioteconomia, quando uma bibliotecária da casa de saúde assume a função de chefe do hospital de *Wanderley, Massachussets*, atribuindo à área esta atividade (SEITZ, 2006).

A partir da década de 30 a biblioterapia passa a ser consolidada como um campo de pesquisa. Assim, nas décadas seguintes, compreendidas entre 40 e 90, houve muitos avanços nesta área, abrindo um campo a ser explorado por médicos, psicólogos, bibliotecários e educadores, o que fez surgir, em meados dos anos 80 e 90, novos métodos e pesquisas para assegurar sua eficácia entre os usuários. Neste sentido, o que se tenciona com a biblioterapia é o restabelecimento da pessoa, através da leitura e da palavra (escrita e falada), numa tríade biblioterapeuta + leitura + leitor.

Na década de quarenta houve um grande acréscimo em estudos e publicações, dentre as quais destaca-se os trabalhos das pesquisadoras Ilse Bry (1942) e de Caroline Shrodes (1949). Esta última defendeu sua tese de doutorado, intitulada “*Biblioterapia: um estudo teórico e clínico experimental*”, e definiu as bases da biblioterapia atual, sendo muito referenciada entre os diversos autores da área. Foi pioneira em usar apenas a literatura de ficção em sua metodologia (FERREIRA, 2003; CALDIN, 2001).

No Brasil, destacam-se os trabalhos de Maria Helena Hess Alves (1982); Stella Orsini (1982); Fernández Vásquez (1989); Marília Pereira (1996), Eva Seitz (2000); Clarice Caldin (2001). Esta última se destaca quanto ao número de publicações, com 7 artigos publicados, compreendidos entre os anos 2001 a 2011. Defendeu, também, uma dissertação em 2001 e uma tese em 2009 (SILVA, 2011).

Como podemos observar pela própria definição referenciada dos dicionários “*Dorland’s Illustrated Medical Dictionary*” (1941) e do “*Webster’s Third International Dictionary*” (1961), sua aplicação a princípio era quase sempre de forma corretiva, voltada para aspectos clínicos de cura e recuperação de indivíduos com graves distúrbios emocionais e comportamentais. Isso se deve ao fato de suas primeiras aplicabilidades serem utilizadas em ambientes hospitalares. No entanto, esta visão se modificou, e a biblioterapia ganha novos rumos, assumindo posteriormente a função preventiva para possibilitar o desenvolvimento pessoal e a saúde mental, geralmente aplicada em escolas, bibliotecas, empresas e/ou grupos de leitores.

Neste sentido, embora em termos isolados, apesar da expressão terapia “possuir um sentido curativo, na realidade envolve muito mais do que cura – implica em uma atitude preventiva” (CALDIN, 2001, p.37). Hoje, mais do que nunca, o mundo está envolto em atitudes pela busca da saúde e do bem-estar. A cada dia um número considerável de estudiosos cresce em favor de uma medicina mais preventiva que curativa, ao mesmo tempo em que as pessoas se voltam para terapias alternativas capazes de melhorar a saúde do corpo e do espírito.

Apesar da contribuição destes autores para a área sua prática no Brasil é bastante incipiente, onde a aplicação maior permanece (ainda) em hospitais e clínicas como atividade terapêutica e ocupacional. Nas escolas públicas e privadas, como atividade de incentivo à leitura, entretenimento e desenvolvimento pessoal, é pouco utilizada, pois com algumas exceções sequer existe biblioteca e/ou bibliotecários.

Para Caldin (2009) a biblioterapia compreende duas categorias: biblioterapia de desenvolvimento, aplicada normalmente por bibliotecários; e biblioterapia clínica, aplicada normalmente por psicólogos, por se tratar de indivíduos com problemas psicológicos.

Segundo Orsini (1982, p. 141) a biblioterapia é uma atividade de lazer com propriedades terapêuticas que podem ser utilizadas para fins de diagnóstico, tratamento e prevenção de males e de problemas pessoais, visando o equilíbrio emocional,

uma vez que ocorre uma fuga, uma evasão, isto é, a criação de um universo independente da rotina cotidiana. Nessa escapada, há como que um mergulho em um mundo cheio de aventura, romance, fantasia, etc. Nesse sentido, podemos afirmar que uma das funções da literatura é a de aliviar as tensões da vida diária.

A biblioterapia oferece requisitos eficazes para amenizar quadros de saúde mental e/ou física, em busca da harmonia pelo bem-estar, servindo como impedimento para o desenvolvimento de doenças, além da busca do entretenimento. Proporciona momentos de descontração, reflexão e lazer, fazendo com que o leitor passe por momentos de conforto nos conflitos cotidianos, ajudando ao homem à busca da compreensão e da solução para seus problemas, fornecendo possibilidades para a manutenção da saúde mental, além de estimulá-lo para a prática diária da leitura.

Para além das características já mencionadas, Caldin (2001) ressalva que a biblioterapia é uma leitura orientada para o trabalho e discussão em grupo, pois “favorece a interação entre pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios. Dessa forma, o homem não está mais solitário para resolver seus problemas, ele os partilha com seus semelhantes, em uma troca de experiências e valores” (CALDIN, 2001, p. 5).

Em 2009, esta mesma autora defendeu uma tese intitulada “*Leitura e Terapia*”, onde fez uma advertência aos “aplicadores da biblioterapia que recorreram às leituras, não apenas como uma leitura de entretenimento, mas acima de tudo, como um exercício terapêutico” (CALDIN, 2009, p. 59). É importante ressaltar que a decodificação de um texto não se designa biblioterapia. Para isto, é indispensável à interação de um indivíduo ou grupo de indivíduos que estejam à procura de ajuda em um ambiente pré-determinado, em conjunto com um biblioterapeuta que possa mostrar um mundo de possibilidades através da leitura, implicando em soluções, alívio ou prevenção de problemas.

Ferreira (2003, p. 38) constata que a biblioterapia é um “processo interativo de sentimentos, valores e ações, tendo como resultado final um processo harmônico e equilibrado de crescimento e desenvolvimento pessoal”. Portanto, a utilização da literatura orientada para o desenvolvimento pessoal pode ser considerada como um fator determinante na maturação da personalidade pela prevenção de problemas futuros. É um meio de interação entre o leitor e a leitura, levando ao autoconhecimento, ao ajustamento social e ao equilíbrio mental, onde cada pessoa ou grupo recebe um tratamento de acordo com suas especificidades.

A biblioterapia, não sendo panacéia para todos os males humanos, é, com certeza, uma terapia complementar para apoiar milhões de pessoas que, ano após ano, experimentam a frustração, o desânimo, estresses, fobias, ansiedades, depressão, causando o desequilíbrio emocional. A biblioterapia oferece alternativa à vida humana. É por isso que temos forçosamente que desbravar e aprofundar a idéia da biblioterapia para compreender e lidar com situações adversas às nossas vontades. A este respeito Perissé (2009, p. 61) a define como leitura educadora, e completa:

Lendo, distancio-me dos redemoinhos e dos turbilhões, crio espaço para rever conceitos, redesenhar imagens, redescobrir emoções, tomar decisões, escolher caminhos. Ponho em atividade o pensamento, a memória, a imaginação. Realimento minha crença na liberdade. Fico em paz com minha guerra, como dizia Camões. E se essa terapia se faz preferencialmente pela leitura de obras de ficção, podemos falar legitimamente em terapia literária.

A leitura transforma pessoas, abre portas e janelas a caminho da liberdade mental, traz a cura da alma quando tudo parece não ter solução para os problemas existenciais em benefício da saúde mental. Neste aspecto, apesar das guerras, da crise econômica, do aquecimento global, da morte, a literatura pode tornar nossa vida mais plena de sentido e curar nossa alma (PAULINO, 2012).

3 INDAGAÇÕES REFLEXIVAS SOBRE A ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO

Diante das transformações trazidas pelo novo milênio, com o advento da Sociedade da Informação e do Conhecimento, novas formas de serviços (re) surgiram, o que faz da biblioterapia mais uma atividade no desempenho do bibliotecário. Esta atividade, porém, não é nova para o bibliotecário, pois há mais de um século, em 1904, passa a ser considerada um ramo da biblioteconomia. A produção bibliográfica no Brasil atesta sua atuação.

No entanto, a atuação de bibliotecários é alvo de críticas e discussões, e indaga-se: *Até que ponto o bibliotecário está apto para o exercício da biblioterapia? Os cursos de biblioteconomia atendem à capacitação necessária?* Alguns autores questionam sua legitimidade como aplicadores de biblioterapia, alegando que este profissional não possui habilitação para intervir em problemas de ordem psicológica (CALDIN, 2009). Desta forma, o bibliotecário que almeja desempenhar esta vertente da área deve buscar qualificação necessária, para aplicação da técnica em formação continuada para o exercício de biblioterapeuta.

Segundo a literatura científica e uma pesquisa realizada por Nunes e Franco (2007), por meio do inquérito por questionário aos bibliotecários que desenvolvem esta atividade, as disciplinas essenciais que reúnem as competências necessárias para a aplicabilidade de biblioterapia compreendem a psicologia, sociologia, filosofia, literatura e leitura. A pesquisa divulga ainda que a formação oferecida pelos cursos

de graduação deixa a desejar, pois “não atende plenamente à capacitação necessária para que o bibliotecário torne-se um biblioterapeuta” (NUNES; FRANCO, 2007, p. 16). Constatou-se, também, que das Instituições de Ensino Superior no Brasil que possuem o curso de graduação em biblioteconomia, somente duas IES – UFSC e PUC- Paraná – possui como disciplina eletiva, a matéria biblioterapia.

Por ser considerada interdisciplinar, a biblioterapia pode ser trabalhada em conjunto por profissionais de áreas distintas, tais como: bibliotecárias, psicólogos, médicos, assistentes sociais, educadores. A parceria com estes profissionais depende do local de aplicação da técnica. Além disso, em tempos de mudanças céleres novos estudos, constatações e atitudes surgem a cada dia, o que traz a necessidade de estarmos refletindo sobre o tema com frequência, com diferentes profissionais, para a eficácia desta atividade.

Neste cenário, para que este processo resulte em cura, além das competências referidas, é necessário que o biblioterapeuta possua empatia, sensibilidade e uma boa comunicação (saber falar, calar e ouvir). Para além de conhecer sua clientela, fazer uma *anamnese* previa para planejar o programa de acordo com a especificidade de cada leitor, individualmente ou em grupo, pela escolha dos livros adequados para tornar a técnica eficiente.

4 A LEITURA DOS CLÁSSICOS UNIVERSAIS COMO PREVENÇÃO BIBLIOTERAPÊUTICA

Com a necessidade de contar e repassar experiências vividas, o homem começa a dar vazão à sua oralidade através da imaginação, deixando registros por meio de histórias, contos, lendas, fábulas e poesias. São livros marcantes por sua originalidade e riqueza de recursos lingüísticos e, sob este aspecto, não deve ser vista como uma literatura secundária.

A este respeito, Machado (2002, p. 19) acrescenta: “Os livros devem ser de boa qualidade, é evidente, porque já que há tanta coisa atraente no mundo e tão pouco tempo para tudo, não devemos desperdiçar nossas vidas com bobagens”. Não se trata de um livro qualquer, mas de um livro que reflete e revela nossa história, o significado da vida.

Sendo a leitura capaz de favorecer reflexão, comunicação, (auto)conhecimento para uma melhor compreensão da vida na solução de problemas, podemos afirmar, então, que a leitura nos proporciona benefícios terapêuticos em busca do equilíbrio mental, além de oferecer fatores determinantes para a boa formação humanista. Neste aspecto, é igualmente importante que cada um de nós constitua ou tenha o interesse em formar uma biblioteca pessoal de nossos clássicos, para leitura e entretenimento do cotidiano. Que neles possam estar presentes Monteiro Lobato, Hans Christian Andersen, Miguel de Cervantes, Shakespeare e tantos outros autores, para futuras leituras.

As bibliotecas são um refúgio para os tempos em que vivemos da informação “aqui e agora” de cunho apenas informativo, nos levando à desordenação dos sentidos. Desta forma, a leitura dos clássicos proporciona ao ser humano cultura, discernimento e centralidade mental fora da superficialidade em que a vida contemporânea se encontra. Ajuda-nos a encontrar novas saídas para o enfrentamento das dificuldades.

O livro proporciona companhia nos momentos de solidão, nos sensibiliza e muda nossas vidas. Um clássico, segundo o filósofo Olavo de Carvalho (2001, p. 36), é

um livro que deu origem aos termos, conceitos e valores que usamos na vida diária e nos debates públicos. É um livro para o homem comum que pretenda ser o cidadão consciente de uma democracia. Clássicos são livros que criaram as noções de realidade e fantasia, senso comum e extravagância, razão e irrazão, liberdade e tirania, absoluto e relativo – as noções que usamos diariamente para expressar nossos pontos de vista.

Neste sentido, a leitura dos clássicos aprimora suas capacidades intelectuais e cognitivas, cuja aquisição é fundamental para a compreensão do mundo. Os livros clássicos são marcados por experiências de vidas passadas, carregam consigo um somatório de histórias sobre a humanidade e por isso pode trazer ao leitor novas possibilidades de enxergar o mundo que, por hora, poderia encontrar-se em um “estado morno” pela sobrecarga da vida diária. Desta forma, concordamos com Calvino (1993, p. 11), quando este diz:

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e, atrás de si, os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes).

Assim, a leitura evidencia uma percepção mais clara do sofrimento e da condição humana. Portanto, resta a cada um de nós fazer nossas próprias escolhas para aquele determinado momento de nossas vidas. “Grande parte da vitalidade e permanência dos clássicos não está em suas qualidades inerentes de forma acabada e fechada, mas no potencial de leituras que elas permitem” (MACHADO, 2002, p. 98). De modo que a leitura desses grandes livros não pode ser confundida com uma lista de obrigações literárias, de quantidades para o acervo. Estamos falando de leituras desinteressadas, de trocas de títulos com amigos, pelo simples fato de gostar de ler, de aprender, para tornar um ser humano melhor consigo, com os outros e com o mundo, pois, “ de livro em livro a biblioteca preenche a alma”, o que poderá nos proporcionar benefícios terapêuticos em prol da saúde mental (PERISSÉ, 2014).

A leitura dos clássicos universais, portanto, oferece-nos conhecimento e sabedoria. Assim, diante do “lixo” informacional e banalidades trazidas com esse excesso de informação, é necessário o resgate das obras bem escritas. Neste sentido, Bloom (2001, p. 15) comenta: “A informação está cada vez mais ao nosso alcance, mas a sabedoria, que é o tipo mais precioso de conhecimento, essa só pode ser encontrada nos grandes autores de literatura”.

Nesta perspectiva, as leituras dos clássicos para o desenvolvimento pessoal, com a função terapêutica, é um importante instrumento que pode ser utilizado em todas as fases do ser humano (infância, adolescência e fase adulta), na prevenção dos males da alma; passando a fazer parte indissociável da bagagem cultural e afetiva do leitor, ajudando-o a ser quem se tornou ou será, pois o ato de ler conduz à alteridade, à compaixão e ao enriquecimento cultural, pela compreensão da vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Séculos XX e XXI trouxeram consigo mudanças significativas na forma de pensar e de agir. O modelo de outrora não é mais compatível com as necessidades e serviços atuais. Neste sentido, o papel do bibliotecário ganha novas dimensões, não se limitando apenas a organização e ao processamento técnico da instituição, assumindo, também, atividades de caráter humanístico e social.

Deste modo a biblioterapia ganha projeção, embora ainda se caracterize como um campo restrito da biblioteconomia. Os estudos comprovam que é uma atividade eficaz, e que por meio dela é possível aliviar o sofrimento, trazendo um lenitivo em momentos difíceis. Por ser uma atividade aplicada em diferentes contextos e ambientes, vai além do entretenimento. A literatura proporciona uma “fuga” saudável da realidade, “oferece ao leitor a ampliação do imaginário; o conhecimento de si e do outro; a capacidade de expressão e compreensão; a tolerância afetiva e a visão crítica da realidade” (FONSECA, 2012, p. 63), e, é claro, o estímulo da leitura diária para o desenvolvimento pessoal, além da eterna busca pelo equilíbrio mental e saúde da alma.

Entretanto, ainda são poucos os profissionais bibliotecários que trabalham com esta vertente da área. O que agrava ainda mais a situação são as IES, responsáveis pela formação do profissional, pois, conforme pesquisas, elas têm deixado em posição secundária estudos que promovam a reflexão e capacitação do papel humanístico e social do bibliotecário, que a sociedade atual exige. Cabe, portanto, a este profissional rever seus conceitos, demarcando seu espaço e desenvolver com competência suas atividades atribuídas.

Apesar da carência de estudos que versa sobre o tema, a produção bibliográfica no Brasil atesta que o profissional bibliotecário tem a maior participação na área para o desenvolvimento da pesquisa científica. Há, portanto, necessidade de novos trabalhos para a publicação da leitura com a função terapêutica, bem como a sua divulgação, que discuta e reflita mais sobre o tema, pois pesquisa e escrita elevam e atestam a qualificação do profissional e da área.

Chegamos aqui, portanto, não como conclusão, mas alimentando a esperança de que as questões expostas possam gerar inquietações e reflexões entre os atuais e futuros profissionais que, conscientes da importância da sua atividade no contexto da sociedade moderna, desejem trabalhar com a biblioterapia, possibilitando a realização de novos estudos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da Biblioterapia no processo de reintegração social. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 15, n. 1/2, p. 54-61, jan./jun. 1982.
- BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. *Encontros Bibli. Revista de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, n.12, dez. 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32/5200>>. Acesso em: 14 abr. 2014.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. *Leitura e terapia*. 2009. 216 f. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92575/263775.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 14 abr. 2014.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CARVALHO, Olavo de. Benfeitor ignorado. *Revista Época*, São Paulo, nº 166, jul. 2001.
- FERNÁNDEZ VÁZQUES, Maria do Socorro Azevedo Félix. *Biblioterapia para idosos: um estudo de caso no Lar da Providência Carneiro da Cunha*. 1989. 140 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. *Revista educação temática digital*, Campinas, n.2, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1809/1651>> . Acesso em: 14 abr. 2014.
- FONSECA, Karla Haydê Oliveira da. A influência da pós-modernidade no âmbito da literatura clássica na formação de leitores. *Revista onisciência*, v.1, nº 1, p. 50-66, maio/ago. 2012. Braga: Portugal.
- MACHADO, Ana Maria. *Como e por que os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- NUNES, L.; FRANCO, L. F. M. Biblioterapia: formação e atuação do bibliotecário. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA (EREBD), 2007, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2007.
- SEITZ, Eva Maria. Biblioterapia: Uma experiência com pacientes internados em clínica médica. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, v.11, p.155-170, jan./jul.,2006. Disponível em: <<http://revista.acb.org.br/rac/article/view/452>>. Acesso em: 14 abr. 2014.
- ORSINI, Maria Stella. *O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia*. Comunicações e Artes, n. 11, p. 145-149. 1982.
- PAULINO, Simone. *A literatura que ajuda a viver*. Disponível em: <<http://www.editoradsop.com.br/blog/item/139-a-literatura-que-ajuda-a-viver>>. Acesso em: 14 abr. 2014.
- PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. *Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas*. João Pessoa: Ed. Universitária, 1996.

PERISSÉ, Gabriel. *A Biblioteca pessoal*. Disponível em:
<<http://www.controversia.com.br/index.php?act=textos&id=11794>>. Acesso em: 07 de abr. 2014.

PERISSÉ, Gabriel. Noções de biblioterapia. *Revista Educação*, São Paulo, nº 152, pp. 60-61, 2009.

SILVA, Vanessa Brum. *Biblioterapia: produção bibliográfica e aplicabilidade*. 2011. 69 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio Grande: Rio Grande, 2011.

READING THE CLASSICS AS A BIBLIOTHERAPEUTIC THERAPY: FOR A BETTER LIVING

Abstract: This study aims to discuss the classics reading as a therapeutic possibility in the field of the Bibliotherapy. It presents a brief history of bibliotherapy as an alternative resource for the benefit of men, women and children in the art of living well. The study acknowledges the potential of this reading resource for personal development and well-being of those who enjoy bibliotherapeutic activities.

Keywords: Bibliotherapy. Classic of literature. Human development. Quality of life.

Karla Haydê Oliveira da Fonseca

Mestre em Educação pela Universidade do Minho (Uminho) – Braga – Portugal. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

E-Mail: karlahayde@yahoo.com.br

Recebido em: 29-02-2012

Acelto em: 13-03-2014